

Compreensões para a Musicobiografização: Um Ateliê Biográfico com egressos do curso de Mestrado em Música

Comunicação

Arthur de Souza Figueirôa
Universidade de Brasília
arthur_figueirôa@hotmail.com

Resumo: A presente comunicação se estrutura a partir de um pré-projeto de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília – UnB, e surge como desdobramento da pesquisa concluída de mestrado, que produziu sentidos para a Pesquisa em Música e revelaram o interesse pelo tema – o movimento (auto)biográfico. A construção da problemática está relacionada com a dicotomia entre a construção do conceito “Musicobiografização” e a forma que vem sendo discutido, e como se dá a percepção deste como um dispositivo formativo para aqueles que são pesquisadores narrativos e se formaram nesse processo. Emergem as questões de pesquisa, que são: o que esses egressos percebem como avanços em suas trajetórias após a conclusão de suas pesquisas? Que projeções para suas vidas-formação emergiram desse processo? Quais áreas de suas vidas foram ressignificadas? O objetivo geral consiste em compreender, através da narrativa musicobiográfica, como percebem os avanços em suas trajetórias após a conclusão de suas pesquisas. Os objetivos específicos consistem em conhecer como fazem emergir as projeções para suas vidas-formação desse processo; como reconhecem as ressignificações ocorridas nas áreas de suas vidas; e, como constroem seu projeto biográfico a partir dos escritos de si. O referencial teórico se conceitua na Pesquisa (Auto)Biográfica e o dispositivo teórico-metodológico consiste no ateliê biográfico de projeto.

Palavras-chave: Ateliê Biográfico de Projetos. História de Vida. Musicobiografização. Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica.

Introdução

A presente comunicação se estrutura a partir de um pré-projeto de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília – UnB, e apresenta como interesse pelo Tema – O Movimento (Auto)Biográfico – que surge a partir dos desdobramentos da Pesquisa concluída de Mestrado em Música, e produziu em mim sentidos para a Pesquisa em Música que se desvelaram inesperados, uma vez que potencializou o foco de um pesquisador narrativo até então em formação. Tal reconfiguração apontou para novas perspectivas em torno do tema, pois a investigação na área de música ressignificou entendimentos de si e do outro, evidenciando então esse processo como formativo.

A compreensão do pesquisador sobre seu objeto de estudo e sobre os processos que permeiam as interações entre si e o sujeito de pesquisa suscitam a percepção do como se dá a reconfiguração de sua experiência e ressignificação. Isso revela a complexidade dessas estruturas, pois requer do investigador uma afinidade com aquilo que emerge do aporte teórico-metodológico da abordagem escolhida.

Partindo desse entendimento, passo a olhar com maior foco para o objeto de estudo pretendido que se revela como de grande importância e necessidade de ser pesquisado. O Movimento (Auto)Biográfico se alicerça na amplitude do conceito Musicobiografização¹, se apoiando na antropologia que intenta em sua percepção para uma leitura de uma sociedade por meio de uma biografia (Ferrarotti, 2010, p. 45), ou seja, por meio de uma construção social de uma filosofia da constituição pessoal. Além disso, ancora-se também no escopo da Pesquisa em Educação Musical já bem amplo e destacado no que diz respeito à produção científica. (Abreu, 2022, p. 02)

Partindo desse lugar onde está cunhado o conceito, passo a tentar compreender sua abrangência e construir a problemática desse projeto a partir das pesquisas que estão relacionadas com esse conceito de Musicobiografização, a fim de intentar evidenciar como ele vem sendo discutido, lido e referenciado. No entanto, além dessa compreensão entendo estar a percepção deste como um dispositivo formativo, não apenas para seus sujeitos de pesquisa, onde seu prisma é discutido e seu aporte adensado, mas para aqueles que são pesquisadores narrativos. Entendo que o dispositivo formativo denominado musicobiográfico, têm produzido transformações nas Histórias de Vida que perpassam por esse arcabouço teórico-metodológico e se deparam com um universo de percepções de si. Mas o que se faz com isso? Como a produção de sentidos e de conhecimento tem provocado em seus atores e autores transformações de si e dos seus contextos? Como a área de Educação Musical tem avançado dentro dessa esteira? Entendo que a partir dos seus atores e autores podemos compreender esses avanços para além dos resultados de pesquisas apresentado aos programas de pós-graduação em universidades do país. Compreender a partir da ótica e vivência de seus pesquisadores como o conceito “Musicobiografização” é lido, compreendido, e experimentado por eles, pode revelar novos entendimentos para ampliar suas discussões a

¹ A construção do conceito se dá na pesquisa de Abreu (2017) e vem sendo adensado pela autora “como um novo termo nocional para a pesquisa (auto)biográfica em Educação Musical” (ABREU, 2022, p. 07)

alcançar novas frentes de trabalho. Isso significa ir além da pesquisa concluída por esses autores, uma vez que podem emergir desse processo novas perspectivas para aquilo que é empírico na Pesquisa (Auto)Biográfica.

Partindo desse pressuposto, esse trabalho tem por foco egressos do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília, cujo recorte consiste nas pesquisas realizadas por esses autores e tematizadas pela Pesquisa (Auto)Biográfica em Música. Entendo que este projeto se inclina para compreender a trajetória profissional, as produções científicas evidenciadas em suas pesquisas para a área de Educação Musical no Brasil, e, principalmente, os sentidos produzidos para si mesmos e para o outro, ressignificando suas experiências e evidenciando seus avanços. Faz-se necessário compreender como esses sentidos produzidos por seus autores transformaram suas trajetórias profissionais e construíram percursos para além de uma Pesquisa concluída de Mestrado, mas sim, para uma mudança em seus contextos e de si mesmos. Entendo que é importante conhecer como as pesquisas de cunho musicobiográfico são vistas por seus próprios autores e pesquisadores, e como passaram a refletir e realizar projeções para o futuro. Nessa perspectiva, cada pesquisador evidenciou características fenomenológicas que manifestaram suas construções e resultados para uma área, cujos conceitos fundados nos pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa (Auto)Biográfica, estão interessados em revelar suas experiências formativas, cujos acontecimentos não são tratados como verdades inquestionáveis, mas compreendidos numa rede de significados e interpretações onde o sujeito não é coadjuvante da própria história, mas torna-se o ator principal.

Compreendo que a relevância dessa pesquisa está fundada num olhar mais específico e uma escuta mais atenta para as minúcias da individualidade de pesquisadores narrativos, cujas ações acadêmicas e pessoais estão entrelaçadas entre aquilo que lhes atravessou e aquilo que projetaram e continuam projetando em suas histórias de vida. Compreender seus avanços pode sinalizar para a área de Educação Musical como essa perspectiva tem norteado seus investigadores a avançar para si e para a produção de conhecimento dentro dessa abordagem. Faz-se necessário evidenciar esses avanços que ocorreram na trajetória individual desses pesquisadores narrativos, porque suas histórias de vida imbricadas com seus próprios estudos podem trazer entendimentos que façam avançar para novos pressupostos da Pesquisa Musicobiográfica.

Partindo desse ponto, questões emergem desse panorama apresentado, quais sejam: O que esses egressos percebem como avanços em suas trajetórias após a conclusão de suas pesquisas? Que projeções para suas vidas-formação emergiram desse processo? Quais áreas de suas vidas foram ressignificadas? Entendo que tais questões de pesquisa trarão novas compreensões acerca dos processos individuais que potencializam suas tomadas de decisão e produziram avanços em suas perspectivas. Dessas questões nascem os objetivos de pesquisa, que nortearam este estudo. O objetivo geral consiste em compreender, através da narrativa musicobiográfica, como percebem os avanços em suas trajetórias após a conclusão de suas pesquisas. Os objetivos específicos consistem em conhecer como fazem emergir as projeções para suas vidas-formação desse processo; como reconhecem as ressignificações ocorridas nas áreas de suas vidas; e, como constroem seu projeto biográfico a partir dos escritos de si.

Referencial Teórico

Para a construção do projeto, discorri sobre algumas compreensões no que se refere à conceituação teórica da Pesquisa (Auto)Biográfica. A técnica a ser utilizada nessa pesquisa é a Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica, que objetiva apreender dispositivos de formação vinculados às trajetórias sociais e coletivas, e aos percursos individuais de cada sujeito. Seu termo tem sido utilizado de forma plural, porém para essa pesquisa será utilizada a Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica (Souza, 2016).

A Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica (ENAB) possui como finalidade apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência. Trata-se de colher e ouvir, em sua singularidade, a fala de uma pessoa num importante momento de sua experiência em sua existencialidade. A atenção aos acontecimentos, sejam históricos, sociais ou políticos, bem como para as formas de representações que o indivíduo faz de si mesmo são imprescindíveis a essa técnica. A percepção da experiência do sujeito e as formas de narrar a sua própria história se configuram como de grande importância, pois “o fato de ser uma fala de sua época e de sua sociedade é plenamente reconhecido pela pesquisa biográfica que vai mais além: faz dela uma dimensão constitutiva da individualidade” (Delory-Momberger, 2012, p. 526).

A autora faz questionamentos muito importantes para que a compreensão do que essa técnica possibilita seja mais ampla: Quem entrevista quem na entrevista de pesquisa biográfica? Em outras palavras: de que (de quem?) é constituído o espaço de pesquisa, o espaço heurístico da entrevista? Quem é o verdadeiro perguntador numa entrevista biográfica?

Tais questionamentos impulsionam a reflexão do quanto os colaboradores da ENAB, investigador e investigado, se constroem nesse processo. Para a autora, pelo menos três componentes estão agindo e interagindo da ENAB, os quais são: duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado, que ocupam posições diferentes; e o que se passa, o que “se mantém” entre essas duas pessoas: atitudes, colocações, formas de intercâmbio e de ação recíprocas. A ENAB possibilita um duplo espaço heurístico: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo (Delory-Momberger, 2012, p. 527)

A Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica se utiliza de uma perspectiva mais colaborativa, implicando em teorizações acerca dos seus atores – pesquisador e sujeito de pesquisa – cujas experiências narrativas possibilitam compreender e ampliar suas trajetórias de formação e suas histórias, abarcando os variados e distintos processos de formação de si (Souza, 2016, p. 74). Nesse caso, o investigador “deixa o narrador expandir-se da maneira mais ampla e mais aberta possível o espaço da fala e das formas de existência de si, quando ele se coloca na posição de seguir os atores” (Delory-Momberger, 2012, p. 528-529). Ou seja, é necessário para o investigador o cuidado de seguir os atores em seus discursos e temáticas, dirigindo maior atenção para as formas em que esses discursos emanam de suas representações de si, para uma configuração singular de acontecimentos, e de interpretações que ele faz de sua experiência. Entender essas minúcias na forma de discurso do entrevistado, como pesquisador narrativo, é se colocar no caminho para perceber com o sujeito como se dá a reconfiguração de sua experiência e como a ressignifica.

Dentro desse escopo, o processo que permeia aquilo que se fala e se compreende da vivência por aquilo que se narra na Entrevista Narrativa (Auto)Biográfica vai ao encontro de como o sujeito e o pesquisador narrativo percebem e ressignificam suas experiências, num trabalho mútuo. A partir disso, esse processo entre pesquisador e pesquisado se torna colaborativo, quando “coletamos, ordenamos, organizamos, vinculamos as situações e os acontecimentos de nossa existência, damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência [...] e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos” (Delory-Momberger, 2011, p. 341)

Além disso, há de ser considerada no processo de entrevista narrativa (auto)biográfica a atitude que os entrevistados adotam, de forma recorrente nas narrativas (auto)biográficas, a sua relação com as situações e acontecimentos e na forma como agem e

reagem. Nesse caso, o esquema de ação é um processo em que o pesquisador, no ato da entrevista, pede ao entrevistado que discorra um pouco mais sobre determinados pontos que foram relatados, explorando mais os acontecimentos e o modo como lida ou lidou com eles. Essa atitude de voltar a um ponto específico do relato pode fazer emergir novas perspectivas daquilo que o sujeito decidiu narrar.

Os assuntos ou temas que emergem da entrevista que são narrados por eles próprios e que são percebidos de forma recorrente, merecem ser aprofundados pelo pesquisador no momento da entrevista narrativa (auto)biográfica. Esse aspecto da entrevista faz parte do aporte teórico-metodológico de Delory-Momberger (2012, p. 535). A autora entende que os “motivos recorrentes ou topoi: tematizam e organizam a ação do relato, agindo nele como lugares de reconhecimento e chaves de interpretação da experiência. No topoi, os entrevistados constroem sentidos de si”. Desta forma, o pesquisador tem a oportunidade de reunir, a partir das narrativas (auto)biográficas, da palavra do outro, análise de como “ocorre a confrontação e a negociação entre os topoi, as disposições e restrições de recursos pessoais e coletivos com tomadas de posições avaliativas em que os sujeitos ajustam sua ação com a realidade, a gestão biográfica dos topoi” (Delory-Momberger, 2012, p. 534-535)

Esses processos se desvelam como um dispositivo formativo, pois a relação singular entre pesquisado e sujeito de pesquisa e a retomada das vivências em seu percurso ou trajetória fazem com que essa relação entre pesquisador e entrevistado na Pesquisa (Auto)Biográfica seja formativa para ambos.

Para Ferrarotti (2010) toda narrativa de acontecimentos ou de uma vida é, por sua vez, um ato, a totalização sintética de experiências vividas de uma interação social. Toda entrevista biográfica é uma interação social completa, ela esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder. “Nós não contamos a nossa vida e os nossos “Erlebnisses” a um gravador, mas a outro indivíduo” (Ferrarotti, 2010, p. 46). Ou seja, contar nossas experiências a outro indivíduo não é transmitir algo a ele, mas é uma construção para ambos.

Esse processo de historicizar revela como o sujeito que narra dá forma a suas experiências e como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência, e, dessa forma, contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (Delory-Momberger, 2012).

Dentro da proposta que a autora traz, podemos refletir sobre o compromisso que se deve ter com aquilo que fazemos com a narrativa do outro. Delory-Momberger (2012)

afirma que “é preciso tentar compreender bem o que está em jogo da relação com o real, com o vivido, no relato que o narrador faz”. Nesse sentido, a autora apresenta categorias de análise das entrevistas, as produções (Auto)Biográficas.

A primeira categoria é a das formas do discurso: ela se refere ao modo como o narrador organiza seu discurso (narrativo, descritivo, explicativo, avaliativo) e às relações que se estabelecem entre eles. Cada uma dessas formas do discurso é suscetível, por sua vez, de ser categorizada. É o caso, em particular, do modo narrativo que se pode articular em diversos tipos de relato segundo os modelos biográficos de referência.

A segunda categoria é a do esquema de ação que o narrador utiliza, isto é, da atitude que adotam de forma recorrente na sua relação com as situações, com os acontecimentos, e na forma como agem e reagem.

A terceira categoria é a dos motivos recorrentes ou topoi (do grego τόπος, lugar-comum), que tematizam e organizam a ação do relato, agindo nele como lugares de reconhecimento e chaves de interpretação da vivência (embora o narrador não tenha necessariamente consciência disso). É particularmente na escrita desses topoi, desses lugares privilegiados, que o narrador constrói um sentimento de si próprio e das suas formas próprias.

A quarta categoria apresentada por Delory-Momberger (2012) refere-se à gestão biográfica dos topoi em virtude da realidade socioindividual. Essa categoria concerne à confrontação e à negociação entre os topoi, as disposições e recursos efetivos (pessoais e coletivos), e as restrições socioestruturais. No discurso propriamente narrativo, essa confrontação pode traduzir-se por “choques” entre padrões biográficos veiculados pelos mundos sociais e as biografias de experiência. Ela é também observável nas fases deliberativas e avaliativas no decorrer das quais os autores apreciam, negociam, ajustam sua ação e a realidade socioindividual.

Procedimentos Metodológicos

Como dispositivo teórico-metodológico será utilizado o ateliê biográfico de projeto, que se inscreve na dimensão do como se dá a construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço *formabilité* aberto ao projeto de si. É um procedimento cuja dinâmica inscreve a história de vida numa prospecção que une passado, presente e futuro, trazendo novas perspectivas de seu projeto pessoal para o futuro, considerando a dimensão

do relato como construção da experiência do sujeito e dessa história de vida como espaço para mudança, aberto ao projeto de si (Delory-Momberger, 2006).

Esse dispositivo formativo apresenta uma amplitude para ser adequada a diversos públicos distintos, tanto universitários quanto profissionais. Nesse caso, os participantes tomam conhecimento com antecedência a respeito do tema e os encontros seguem seis etapas, cuja intensidade tende a aumentar de acordo com o envolvimento ordenado de seus participantes colaboradores.

A primeira etapa consiste na apresentação de informações a respeito dos procedimentos a serem adotados, dos objetivos do ateliê e dos dispositivos que serão adotados. Dentro dessa perspectiva, se subscreve a história de vida, seja na forma de um projeto universitário ou profissional, cujo movimento é orientado por uma ação, “por meio de projetos concretos que aí são empreendidos, esboçados, realizados ou abandonados, um projeto de realização pessoal que pode adquirir diferentes formas: social, profissional, cognitiva, existencial etc.” (Delory-Momberger, 2006, p. 366). A essa construção temporal existe uma implicação que une o passado a uma antecipação e uma projeção do futuro. A reconstrução desse passado se constitui de uma intencionalidade mais ou menos definida. Dentro dessa perspectiva, o ateliê visa evidenciar e dar corpo a essa dinâmica intencional, “reconstruindo uma história projetiva do sujeito e extraíndo a partir dela projetos submetidos ao critério de exequibilidade” (Delory-Momberger, 2006, p. 366).

É importante nessa primeira etapa trazer com clareza as regras de ‘segurança’ trazendo à responsabilidade objetiva a dinâmica dos participantes, evidenciando a seriedade sobre o uso que faz da palavra e sobre o seu grau de engajamento. Tal cuidado está também relacionado com a construção de um processo que se estabelece na escuta e a palavra dada. Essa escuta se refere a uma escuta atenta, de qualidade, em que a narrativa do sujeito está em evidência para que se identifiquem e se organizem essas estruturas. A palavra dada é algo que deve estar combinada com a escuta, pois exerce um vínculo entre o que narra e o que “escuta”, se constituindo de um valor moral e de um rigor metodológico dessa escuta. (Abrahão, 2016)

O segundo momento estabelece a fase da elaboração, da negociação e da ratificação coletiva, firmando o contrato biográfico. Nesse momento, o contrato representa a consolidação do trabalho autobiográfico, que pode ser passado oralmente ou por escrito. Ele apresenta as regras de funcionamento, enuncia a intenção autoformadora, oficializa a relação

consigo próprio e com o outro no grupo como uma relação de trabalho. Um prazo de duas a três semanas é observado antes de se passar para as fases seguintes.

As próximas fases – terceira e quarta – são estabelecidas em duas jornadas e se dedicam à produção da primeira narrativa autobiográfica e à sua socialização. Nessa etapa, as primeiras construções dessas narrativas se caracterizam por um trabalho mais exploratório, cujas atividades ocorrem tanto nos grandes grupos como nos subgrupos “sobre a base de suportes diversos: árvore genealógica, mandala, projetos parentais, brasão etc.” (Delory-Momberger, 2006, p. 367). O formador apresenta aos participantes os eixos que norteiam suas narrativas e, que reescrevam seus percursos formativos evocando os personagens de suas histórias (pais, adultos, pares), as etapas e os eventos (positivos/ negativos) desse percurso em seus múltiplos aspectos (educação doméstica, escolar, paraescolar, experiencial); suscitando as reconstruções de seus percursos profissionais, retomando as primeiras experiências de trabalho, cujas memórias evidenciam os atores que influenciaram suas histórias.

Esses primeiros escritos de si podem ser entendidos como um “rascunho”, ou esboço, que representa o esqueleto para as próximas construções autobiográficas. Nesse caso, a autora traz um direcionamento específico, entendendo que

As ‘histórias contadas’ são faladas (e não lidas) e questionadas no seio de grupos de três pessoas (triádes que permitem sair da relação dual projetiva e favorecem a emergência da fala). Elas estão relacionadas, ao mesmo tempo, aos projetos de que podem constituir a marca no passado dos participantes e àqueles que podem desenhar os contornos para o futuro (Delory-Momberger, 2006, p. 367).

Esses contornos se formam através da primeira narrativa autobiográfica que é condutora dessa reescrita de si, ocorrendo duas semanas depois desses primeiros relatos. Esse fio condutor do processo aponta para os primeiros sentidos, que serão explorados, ressignificados e direcionados ao projeto futuro. Esse processo formativo de ateliês biográficos de projeto estrutura-se de forma muito específica, objetivando as produções individuais e o caráter coletivo do trabalho e evidenciam os procedimentos de formação no que tange ao distanciamento crítico e da dimensão de socialização.

A partir disso, as narrativas são apresentadas para o coletivo, cujos participantes colocam questões buscando evitar interpretações. Esse trabalho visa elucidar e contribuir com o autor a construção dos sentidos de sua história, bem como os ouvintes a ter a compreensão dessa história narrada. Essa etapa de socialização da narrativa autobiográfica se estabelece

como a quinta etapa. Isso implica ao narrador conduzir a sua história readaptando-a àquilo que surge a partir da “leitura” que o outro faz a partir de suas compreensões dessa narrativa. Um dos participantes assume o papel de escritor, sendo esse escolhido pelo próprio narrador, tomando nota da narrativa e das intervenções dos demais participantes, cujos escritos são devolvidos, ao fim da sessão, ao seu locutor/destinatário. Esse trabalho de reescrita, por um terceiro, tem como objetivo apresentar a perspectiva de coerência narrativa, ou seja, revelar a ‘história de vida’ através da “leitura” de seu autor/ator. Essa ação evidencia, através da perspectiva do outro, como essa história contada é decodificada pela escuta atenta e reescrita, denotando o processo de narrar, compreender e reescrever. É um percurso de apropriação de sua história, que comunga ao processo de construção das Histórias de Vida, perpassando por aquilo que se busca pela compreensão dos sentidos produzidos pelo outro a partir do seu olhar em relação a si mesmo.

A partir desse roteiro descrito, segue a produção do texto “definitivo” de sua autobiografia que cada participante irá construir fora do ateliê. Após duas semanas, ocorre a sexta etapa, consistindo num tempo de síntese. “No interior das tríades, o projeto pessoal de cada um é co-explorado, realçado e nomeado” (Delory-Momberger, 2006, p. 367). O procedimento alcança seu projeto numa reunião coletiva, em que cada participante apresenta e justifica seus projetos. Depois disso, um último encontro ocorre após um mês a fim de fazer uma avaliação desse processo formativo trazendo os sentidos do projeto profissional de cada um.

A partir do processo de formação estabelecido nos ateliês biográficos de projeto se constrói a elaboração de uma intencionalidade, cuja compreensão da história da vida articula-se sobre a definição de um projeto de formação. Nesse caso, “o relato torna-se o lugar de um trabalho reflexivo no qual as representações enviadas pelo grupo desempenham um papel determinante” onde “os relatos de vida são o lugar de uma objetivação coletiva” (Delory-Momberger, 2006, p. 368). Isso implica numa dinâmica que incide na compreensão que está ocorrendo pela presença do outro e dos outros, permitindo o movimento de reflexividade operada sobre si mesmo – a da autobiografia – da busca pela compreensão daquilo que ocorre no ato da palavra que, “falada ou escrita, é sempre um ato de escritura de si; e a da heterobiografia, ou seja, do trabalho de escuta/de leitura e de compreensão do relato autobiográfico mantido pelo outro” (Delory-Momberger, 2006, p. 368).

É a partir desse procedimento teórico-metodológico que poderemos partir do particular das histórias de vida, da palavra e dos escritos de si, para compreensões e construções dos sentidos que serão evidenciados nesse processo, e trarão as estruturas das experiências formativas dos participantes, fazendo emergir um futuro das histórias de formação construídas pelos relatos sob a forma de projetos de si.

Algumas Considerações

A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, que ora se traduz em um pré-projeto de doutorado, intento refletir sobre os resultados a serem alcançados entendendo que esses trarão compreensões para a área de Educação Musical para pensar em avanços no que se refere à dispositivos formativos. Nesse sentido, acredito ser importante ampliar o diálogo com a área e com os achados desta pesquisa ao evidenciar as compreensões de como os pesquisadores egressos de cursos de Pós-Graduação percebem os avanços em suas trajetórias após a conclusão de suas pesquisas.

Acredito que a musicobiografização desses pesquisadores evidenciará a vida-formação em diferentes redes formativas construídas ao longo da vida, cujo dispositivo formativo tem produzido transformações de suas histórias de vida. Além disso, os avanços teórico-metodológicos trarão novas perspectivas e compreensões de sujeitos que ampliaram sentidos em um universo de ressignificações e percepções de si para a pesquisa em Educação Musical, para o universo de configurações de trabalho e, para a mútua construção de uma sociedade democrática.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. In: VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2016, Cuiabá/MT, 2016. Anais [...]. Cuiabá, np.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois educadores musicais do Distrito Federal. *Intermeio*, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 207 – 227, 2017.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. A musicobiografização como intriga narrativa: um ensaio teórico entre pesquisa (auto)biográfica e educação musical. *Orfeu*, v. 7, p. 2 – 22, 2022.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Revista da Abem*, v. 30, n. 02, p. 01 – 21, 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.01, p. 333-346, abr. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 17, nº 51, set./ dez., 2012.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: (Orgs)NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e formação*. Natal. UFRN: EDUFRN, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Biografar-se e empoderar-se: entrevista autobiográfico-narrativa e percursos de formação da professora Dilza Atta. In: ABRAHÃO, M. H.M.B. *Destacados educadores brasileiros suas histórias, nossa história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 65-95.